

São Paulo, 1948

1948 FOI o ano de expansão do movimento em tôdas as cidades brasileiras. Realizaram-se três grandes acampamentos (*machanot*), no comêço, no meio e no fim do ano, onde a organização pela primeira vez sentiu sua força e sua personalidade.

Na expansão do movimento em São Paulo evidenciou-se o caráter específico de seu grupo formador. Ao contrário das demais organizações, expandiu-se o movimento de cima para baixo, formando primeiro uma grande camada mais velha, e apenas um ano depois chegando até às mais jovens. Os companheiros do grupo formador reuniram um segundo grupo, igualmente de jovens maiores, escolhidos a dedo entre a elite da juventude judaica de S. Paulo; cerca de vinte *chaverim*, que constituíram a mais tarde famosa *kvutzá* Berl Katznelson. Sob orientação de Dov Cymryng foi êste grupo submetido a meses de trabalho formador e de aprofundização ideológica. Ambos os grupos juntos dividiram-se, depois, pelos bairros, para formar novas células (*kvutzot*) mais velhas, pelo mesmo processo. Nesta época, também um grupo mais jovem, o Grupo Achdut, de excelente composição qualitativa, começou igualmente a ligar-se ao movimento, e estruturaram-se as importantes *kvutzot* do Bom Retiro. Do conjunto dêste trabalho, efetuado apenas com jovens já mais maduros, cristalizou-se a espinha dorsal de sucessivos grupos de instrutores e dirigentes regionais e nacionais, durante anos a fio.

O ponto de referência principal dêste período foi a *machané* (acampamento) de Inhaíba, em julho de 1948.

AS NOITES DE INHAÍBA

AS NOITES mágicas de Inhaíba . . . Era um lugar ideal para acampamentos, uma vasta fazenda, no alto de montanhas, árida, pedregosa, uma fazenda de criação. Duma plataforma natural de pedras

divisava-se tôda a região em baixo, por dezenas e dezenas de quilómetros.

Nas noites agradáveis do verão contemplávamos, do alto do rochedo, a planície imensa semeada de aglomerados de luzes, maiores ou menores, cidades ou pequenas vilas. O céu estrelado, uma leve brisa que afagava as rochas... Parecia o mais belo lugar que já se criara na terra. Deitávamo-nos nas pedras, cantávamos horas e horas as velhas canções *chalutzianas* das décadas de 20 e 30, pois não haviam aparecido ainda as novas canções do povo, as canções da guerra e do país libertado. Na noite estrelada do Brasil, cantávamos "Arum dem Faier" e sonhávamos com o futuro em Israel.

Para chegar ao acampamento, havia que subir seis quilómetros de montanha, o que, por sí só, já constituía façanha escoteira apreciável. Estábulo e depósitos adaptados, barracas, uma cozinha rústica, e tínhamos cozinha, refeitório, dormida, locais de conferências. Numa baixada ao lado, um lago para os banhos. A região ao redor, para excursões e jogos. E à noite, as pedras.

Foi o período mais romântico do movimento, o dos acampamentos de Inhaíba. De dia, longos seminários. Eles de fato eram sérios, temas profundos, acompanhados de debates e trabalhos de comissões, tudo com material de estudo à disposição. Sérios em sí e pelas conseqüências futuras. Mas mesmo nesta disposição à ideologia havia um impulso romântico, de descobrir, compreender, renovar, o homem, o *kibutz*, a sociedade.

A REVOLUÇÃO CHEGA À COZINHA

E o QUE não acontecia num acampamento! Ele estava dividido em células, das quais cada dia uma diferente encarregava-se dos trabalhos técnicos, limpeza do acampamento e da cozinha. Pois bem, a revolução sionista-socialista começava pela cozinha.

Chaverim! Abaixo todos os preconceitos pequeno-burgueses sôbre comida! Viva a revolução! E lá vinha comida "revolucionária": arroz preto, pastas de macarrão, e outros sólidos, massas e líquidos de composição e gôsto indefiníveis. Hoje, pomo-nos a pensar se não seria imperícia de nossas cozinheiras... Enfim, passou-se sólida fome em nossos primeiros acampamentos. Sabem que a fome é um sentimento sólido, não? Porém se o conteúdo da comida era intra-

gável, esforçávamo-nos para apresentá-la na devida forma. Assim, havia células (*kvutzot*) que organizavam cardápios, para que os companheiros tivessem pelo menos uma idéia do que estavam comendo. Guardaram-se dois, o primeiro da *kvutzá* A.D. Gordon:

Dinner:

Soupe à la *chalutzienne*
Macaroni au Dieu-seul-le-sait
Viande brulée à la Gordon
Pudim couleur de chocolat
Pain dur
Vins: "Chateau la Pompe", 1948

A cozinha da A.D. Gordon obedecia, evidentemente, à inspiração francesa. A *kvutzá* Enzo Sereni resolveu seguir, então, a orientação culinária italiana:

Pranzo:

Minestra all'acqua e cipolle
Maccheroni alla Sereni
Mozziconi de salsiccia in omelette
Pane durissimo
Vino: Acqua di Fonte, 1948

O GRANDE JULGAMENTO

O DIA inteiro estava tomado por seminários, debates, excursões. Volta e meia, porém, algo de especial acontecia. Assim foi no dia do Grande Julgamento.

Rosh Hamachané (Dirigente do Acampamento) era Samuel Carabina, o Terrível. Repentinamente, a responsável pela dispensa deu pela falta de uma lata de marmelada. Algum esfomeado a suprimira, num momento de distração dela. Carabina achou o caso grave e não tomou meias medidas: fez uma devassa por todo o acampamento e achou o culpado, escondido numa capoeira, em flagrante delito: deglutindo, numa bem-aventurança de simples, mãos-cheias de marmelada!

Não era pela lata, mas pelo princípio. A disciplina da *machané* e a moral do movimento haviam sido violadas de forma pesada. Resolveu-se reunir o acampamento todo para realizar o julgamento do companheiro culpado. Escolheu-se um advogado para a defesa,

e um promotor para a acusação. Como juiz, foi designado Jorge Suessman, um “yecke” ponderado e inteligente. Como júri, funcionavam todos os companheiros presentes.

A situação que se criou não era de brincadeiras. Em meio ao silêncio atento de todos, o promotor desenvolveu um pesado libelo de acusação: atentado contra a disciplina do acampamento, à moral *chalutziana*, dano irreparável à confiança mútua entre os companheiros. Para salvar nossa moral interna e evitar a solapação de nossos princípios, havia que afastar o companheiro do acampamento. A assistência, que a princípio não tomara a coisa muito a sério, tornou-se grave, após a acusação. E o réu, afundado num canto, cabeça entre as mãos, afundou mais ainda.

Levantou-se o advogado do réu, e apresentou uma defesa inteligentíssima: chamou a atenção que, do ponto de vista socialista, o criminoso não é produto de um caráter pervertido, mas de condições de vida adversas. Que o motivo do roubo não fora a maldade, mas a fome. Mostrou a relatividade do acontecido, por meio de uma inteligente comparação:

“— Se o *chaver*, em vez da marmelada, tivesse levado um pão, estaria êle sendo julgado neste instante? Pois bem, o fato de levar a lata foi puramente circunstancial. Era o que estava à mão, naquele momento”.

Atacou a cozinha, por não dar alimentação suficiente. Desmoralizou, como reacionário, o libelo da acusação, porque propunha soluções negativas, em vez de positivas, que seriam, a reaceitação do companheiro, já arrependido aliás, e o melhoramento das condições alimentares.

Seu discurso comoveu realmente o plenário, que, no fundo, não queria afastar ninguém, mas viver em paz com Deus e os homens. O juiz tendia já por encerrar favoravelmente o assunto. Mas não era isto que queria Carabina, o Terrível. Fez chamar-se como testemunha e desenvolveu uma pesada catilinária contra o acusado, tratar-se-ia de elemento de maus antecedentes, reincidente, incorrigível, e exigia, não só seu afastamento, mas sua expulsão.

Houve murmúrios de protesto no plenário, e seu testemunho mais teria favorecido que prejudicado o acusado, se êste não perdesse a cabeça. O pobre rapaz já se vira salvo, e eis que as coisa pretejavam novamente. Teve um infeliz ataque de raiva, ergueu-se, desvairado, e praguejou:

“— Olhe, cachorro, se me expulsam do acampamento, eu juro que te mato!”

Exclamações de horror na assistência, moças começaram a chorar, nervosas, o plenário se agitou. O acusado comprometera pesadamente a própria situação. O advogado de defesa resolveu usar do patético. Aproximou-se do juiz, ergueu as mãos, exclamou:

“— Piedade, senhor juiz!”

Mas, que acontecia? A cara do juiz aparecia, de repente, cheia de manchas de tinta! A assistência se ergueu, perplexa. O juiz não percebeu de imediato o que acontecia. Novamente ergueram-se as mãos do advogado de defesa, e o juiz ficou mais preto ainda! A sala transformou-se num pandemônio. O juiz, desnortado, sujo, saiu de seu lugar, parou no meio da sala, sem saber direito o que fazer. E eis que Carabina, o réu, o promotor e o advogado de defesa, vinham de mãos dadas, formaram uma roda ao redor do juiz, e começaram a dansar “hora”! O salão parecia ir abaixo de excitação! Fôra tudo uma farsa, combinada entre os quatro! Por alguns momentos ainda, a assistência permaneceu parada, entre perplexa e indecisa. Depois os presentes suspiraram, aliviados, e começaram a dansar também.

Apenas o juiz não gostou da brincadeira. Ameaçou retirar-se, quis convocar um julgamento verdadeiro contra o dirigente do acampamento, por abuso de confiança. Dizem que houve que falar três horas para dissuadi-lo . . .